

## Fome de Afeto: as afeções e transformações do tempo<sup>1</sup>

Maria Flávia da Costa Waeny<sup>2</sup>

**Resumo:** Este artigo é uma proposta de releitura e um diálogo que se transforma no tempo e que tem como foco o recorte do afeto nas narrativas. O objetivo geral visa a identificação do afeto na narrativa de Walter Benjamin, especificamente no conto, “O Lenço”, leitura esta que se realizará com o aporte em Boris Cyrulnik, tendo como base as obras “Os Alimentos do Afeto” e “De Corpo e Alma – a conquista do bem-estar”. Já os objetivos específicos deste artigo estão voltados para criar uma comparação entre a narrativa realizada por Walter Benjamin no texto “O Lenço”, afetos e a atuação como narrativa inspiracional.

**Palavras-chave:** Comunicação. Narrativas. Cultura. Afeto.

---

### 1 Introdução

O presente artigo propõe uma releitura do afeto nas narrativas através dos tempos, pois há que se considerar que o mundo e a cultura ligada aos homens, incluindo as narrativas, têm indicado uma mudança em seus ritos simbólicos, linguagens, motivações e que afetam a comunicação humana.

As narrativas são uma forma de comunicação e de geração de afetos, à luz de Boris Cyrulnik (1995), valendo salientar que o ser humano trabalha e se comunica desde os primórdios da humanidade por meio das mais variadas formas de narrativas e culturas envolvidas naquele contexto, a exemplo das pinturas rupestres; narrativas estas, que também foram evoluindo. Não há como deixar de lado a evolução do ser humano, cultura, rituais, linguagens e que irão afetar diretamente a comunicação e as narrativas.

Apresentamos o objetivo geral deste artigo que é compreender o afeto na narrativa de Walter Benjamin, especificamente direcionando o olhar para o conto por ele escrito em 1933 – O Lenço, por meio do olhar dos afetos proposto por Boris Cyrulnik; são os autores que nos darão sustentação. Do primeiro, utilizamos as obras: o conto escrito em 1933, “O Lenço”, perpassando pelo conto “O Narrador” (1936), originalmente, e para o segundo autor os livros: Os Alimentos do Afeto (1995) e De Corpo e Alma – a conquista do bem-estar (2009).

---

<sup>1</sup>Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho Narrativas contemporâneas nas mídias do XV Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 27 e 28 de setembro de 2021.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação e Cultura (Uniso), [mfcwaeny@gmail.com](mailto:mfcwaeny@gmail.com).

Construir um ponto de convergência entre os autores é traduzir o afeto para a atualidade. Em “O Lenço” é possível encontrar o afeto proposto por Boris Cyrulnik em uma nova visão e novo olhar, segundo o autor, “esse novo olhar sobre a afetividade retrata como uma força biológica, uma comunicação material, um liame sensorial que une os seres vivos e estrutura entre eles um verdadeiro órgão de coexistência” (CYRULNIK, 1995, p. 12). Não seria esta a força da narrativa através dos tempos, justamente revestida de afetividade e sua rápida ação conhecida como afecções? Os números de pessoas envolvidas com uma narrativa podem ser os mais diversos possíveis, desde a sabedoria única de um moribundo, que conta sua história para repassar sabedoria a quem quiser ouvir, e, até e inclusive, ao rompanete sucesso das TED Talks, um fenômeno do mundo moderno que quebra fronteiras da comunicação pessoal ou digital, afinal, não mais o *homo sapiens* precisa se encontrar à beira de uma fogueira e contar as peripécias do dia de caçada, mas sim, mundializar o conhecimento por meio de narrativas que ultrapassam barreiras.

E é por meio da provocação de Boris Cyrulnik que será tecido o artigo, com o pensamento, “desde que deixou de ser sobrenatural, o homem já não é sagrado”. (CYRULNIK, 2009, p. 184). Esse sagrado diz respeito a tudo o que o ser humano vem deixando de lado, ou, não percebendo a falta de conexão com a simplicidade da vida, simplicidade da provocação das narrativas, em que o afeto é o senhor maestro no palco da mente.

## 2 “O Lenço” original, bem-vindos a Walter Benjamin!

Para que seja possível uma análise do conto “O Lenço” de Walter Benjamin, faz-se necessário apresentá-lo, porém, de uma forma resumida, salvaguardando o máximo possível, a integridade da obra.

Na sua obra, “O Lenço”, Walter Benjamin questiona por que acabou a arte de contar histórias. Neste conto, Benjamin o faz a partir de um navio, descrevendo-o sucintamente enquanto estrutura física, paisagens, e à figura do “Capitão”, inclusive, como um contador de histórias, um narrador. O autor traça um paralelo entre o narrador, o capitão e questiona, ao mesmo tempo, por onde anda a arte de contar histórias. A arte de contar histórias como advinda do Oriente, tal qual um ofício e sabedoria, traduzindo a figura do narrador como aquele que sabe dar conselho e que sabe narrar e, o que vale a

pena ser ouvido, uma vez que as coisas já não duram tanto quanto antes. E o contador de histórias, conta as experiências da sua vida.

A história é a de um lenço, que, com um escudo e três estrelas bordadas. Este é encontrado caído no chão do navio, e a sua dona que, tristemente, pousava o olhar para o tudo e para o nada, foi extraída da abstração e salva pelo Capitão. O capitão conta que ao recolher o lenço do chão e entregar à sua dona, ela agradece-lhe como se ele houvesse salvado sua vida. Mais adiante, alguém se atira na água, e é salvo pelo capitão. Era a dona do lenço que, segundo o capitão, agradece como se ele lhe houvesse recolhido um lenço. Ao final da narrativa, o narrador relata que o lenço estava em posse do Capitão.

E o questionamento da figura do narrador permanece; onde está ou estaria o narrador?

As narrativas contam histórias, traduzem sabedorias, repassam conhecimento. E para analisar a narrativa no contexto de 1930, outro contexto social e das sociedades, partimos para Boris Cyrulnik, com o afeto e as narrativas.

Vale ressaltar o contexto sociocultural de 1930, especificamente na Alemanha, é quando Hitler ascende ao poder, e o partido nazista ganha força. Por outro lado, pelo contexto mundial, os estados Unidos haviam passado pela quebra da bolsa de Nova York em 1929 e a recuperação econômica teve início em 1933 com o “*New Deal*”, uma das políticas econômicas enquanto Franklin Delano Roosevelt ainda era o presidente do país, liberando vários planos econômicos, afim de auxiliar aos USA e todas as nações envolvidas no contexto do pós-guerra. O cenário e contexto cotidiano marcado por dores e sofrimentos. É importante lembrar do contexto histórico pois o meio afeta as pessoas que vivem naquele determinado contexto, alterando a percepção e sensações, mudando seus afetos, afetividade e códigos comportamentais. São várias transições sociais e mudanças culturais, especificamente naquele momento pós-guerra e que, também deve ter afetado os autores pesquisados, cada um dentro do seu contexto sociocultural.

### **3 Um lenço, um aceno e os afetos**

Qual acenar com o lenço, os significados da sabedoria de uma narrativa podem ser instigados nos afetos que serão abordados pela visão de Boris Cyrulnik, em “Os Alimentos do Afeto” e na obra “De Corpo e Alma – a conquista do bem-estar”.

Segundo Boris Cyrulnik, “Uma percepção sem teoria não pode induzir uma representação. É a teoria que ordena, em todos os sentidos do termo: ela dá forma porque simultaneamente põe ordem e delimita” (CYRULNIK, 1995, p. 11). Na visão de Boris Cyrulnik, é preciso haver uma teoria para ver o mundo, sendo esta a geradora das diferenças entre as visões; as teorias ordenam e estruturam a observação.

Existe um mundo inter-humano que é baseado nas percepções humanas que são totalmente subjetivas. Não se pode perceber o que não se conhece; dá-se assim, a importância do suporte e direcionamento de uma teoria. O suporte de uma teoria vai fundamentar para a observação, um saber prévio, ordenado. Um simples processo de observação pode vir contaminado, ceifado ou distorcido da realidade não observável ou que não pode ser reconhecida. Sem a teoria não há forma e ao mesmo tempo, uma delimitação.

Ao falar sobre percepção até que seja possível caminhar para o tema de forma consistente do afeto, seria possível comparar ao nascimento de um bebê: ao nascer, este é envolto pelo contexto cultural que o cerca e, além deste fato, uma série de códigos comportamentais que podem influenciar na sua percepção e observação de mundo; observamos somente o que é possível perceber, afinal, “A mais simples observação exige um saber ordenado numa teoria” (CYRULNIK, 1995, p. 10).

Além de perceber, é importante comparar, segundo Boris Cyrulnik, (1995, p. 9), “É por isso que os métodos comparativos facilitam a compreensão”. Para haver uma transformação de pensamento é importante que sejam feitas associações diferentes e improváveis, pois é na diferença que se cria um signo. É a procura das diferenças que traz consigo a possibilidade de perceber as nuances para enriquecer ou transformar o pensamento, percepções e a construção do eu humano; ou, inter-humano. Segundo o autor, o modo comparativo, enquanto metodologia, busca as diferenças e não similaridades, sem exercer a principal função da provocação, segundo Cyrulnik, “Os que regalam em observar acham que o que cria o signo é sempre uma diferença. Uma informação estereotipada só faz embotar a inteligência, reforçando o que ela já sabe. É por isso que os métodos comparativos facilitam a compreensão.” (CYRULNIK, 1995, p. 8).

São várias as formas de comunicação e de mediação; neste momento o foco é nas narrativas como forma de comunicação e em conversas e bate papo como mediação para

criar o modelo comparativo para compreensão e transformação do pensamento a que se referiu Boris Cyrulnik, quando da construção do eu humano, pois segundo o pensamento de Boris Cyrulnik, “Uma percepção sem teoria não pode induzir uma representação. É a teoria que ordena, em todos os sentidos do termo; ela dá forma porque simultaneamente põe em ordem e delimita” (CYRULNIK, 1995, p. 11). Segundo o pensamento de Cyrulnik, uma percepção sem teoria não tem a possibilidade de construir uma representação; não haverá fenômeno, ou seja, não será possível construir o eu interior. Para que seja possível criar uma comparação, há que se ter uma teoria anterior; não se torna possível comparar algo com o que não existe, pois não existe representação anterior e portanto, o fenômeno não pode ser percebido. A teoria anterior, neste sentido, é “O Lenço”, e o olhar de Boris Cyrulnik a teoria a realçar as diferenças a fim de encontrar pontos de convergência entre a narrativa, afinal, “A conversa monta o cenário comportamental que permite a subsequente sincronização das emoções” (CYRULNIK, 1995, p. 36). Uma conversa pode ser retratada como uma narrativa quando cumpre a função de mediação, e que vai aumentar a sua abrangência na medida em que, na visão de Boris Cyrulnik, vai sincronizar as emoções. É justamente aqui um dos pontos de atenção, quando o autor cita a “sincronização das emoções”, e de onde se origina a pergunta e curiosidade do saber, como se estrutura essa sincronia e a sua importância nas narrativas. Boris Cyrulnik retrata esta conversa como um fato grandioso entre seres humanos, afinal, somente o ser humano, do tipo “*homo sapiens*”, é que detém o desenvolvimento da fala. Trata ainda da importância de como criar a relação de aproximação com o outro e ainda compor uma conexão que envolve desde a expressão facial, rosto, e que exige dos participantes desta conversa uma atitude e envolvimento comportamental uma vez que irão processar uma série de informações diferentes entre si e cuja distância entre estes corpos deve prescindir a troca de palavras em um tom agradável, sendo assim, é importante que a percepção possa elaborar e de alguma forma, subjetiva compreender as afecções acontecidas, inclusive corporais de quem toma palavra e de quem cede a palavra, gerando uma mediação entre um e outro; na composição desta mediação e da narrativa entre duas pessoas, não há questionamento sobre o conteúdo semântico da conversa e sim, a sincronização entre os participantes da conversa e o espaço emotivo, das afecções, entre os participantes. Ao contar uma história, um narrador também vai criar esta mesma sincronia com outros participantes, talvez em um número

maior, mas há que se considerar que, a sincronia acontece a partir da percepção do outro e de caráter também subjetivo; esta percepção gera movimento entre os corpos, gera a sincronia.

Segundo Cyrulnik, “o discurso parental ou social, dando vida a esse acontecimento na fala, poderá tanto curá-lo por meio de uma bênção, como agravá-lo, uma maldição - poder este que apenas a dicção possui” (CYRULNIK, 1995, p. 110). A dicção diz respeito à oralidade, ao verbal, ao poder da fala em evocar percepções passadas e afetar pessoas, provocar as afecções. Mais uma vez, o autor reforça os conceitos e clarifica as narrativas, afetividade, afetos e as afecções.

E quando a palavra provocar é utilizada, vem no sentido de evocar, podendo acontecer em uma conversa ou em uma narrativa. Na visão de Cyrulnik, “a palavra não é recortada do real, já que a representação que ela induz desperta uma emoção. Justo pelo contrário, a palavra une o real à sua representação” (CYRULNIK, 1995, p. 157). A palavra vem carregada de sentido e força cognitiva, com uma potência tão forte que, justamente uma palavra pode provocar as afecções e dar sentido; é quando a palavra une o real à representação mental e acontece o movimento das afecções, percebidas pelo outro como uma emoção. Emoção é rápida, são reações agudas que afetam os corpos e dão movimentos, gerando expressões verbais e não verbais, incluindo reações fisiológicas.

Não seria possível falar das narrativas sem mencionar Walter Benjamin (1994), já que, segundo este, “A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” (BENJAMIN, 1994, p. 2). Esta passagem é a que permite ao leitor interpretar a narrativa à sua própria maneira. Podemos criar uma relação entre a fala de Cyrulnik e Spinoza: para o primeiro, a subjetividade da percepção é que cria sintonia com o outro e para o segundo, quando este menciona que o objeto da ideia é o corpo, é no corpo que acontecem as afecções. Ao reunir o pensamento dos autores, há que se considerar a própria subjetividade destes quando da percepção e afecções sobre o tema, ao considerá-los e escrevê-los; também não estavam isentos das afecções do corpo e transposição da mente, também afetados pelo contexto social da época em que viviam e escreveram as obras. Tal fato é ratificado por Cyrulnik: “As coisas percebidas só ganham sentido se o cérebro for capaz de descontextualizar a informação e introduzir –lhe uma duração e uma direção” (CYRULNIK, 1995, p. 24).



O que os autores mencionados, Spinoza (1632-1677) representando a filosofia, Benjamin (1892-1940) pela filosofia e sociologia, ensaísta por prática, e Cyrulnik (1937), neuropsiquiatra e etólogo<sup>3</sup>, têm em comum com relação ao contexto de vida? Uma vez que Cyrulnik reforça a importância e a influência do contexto na percepção do recém-nascido, vale lembrar todas as etapas de vida destes autores onde, um dia, todos foram recém-nascidos e este é um dos fatores iniciais para a organização das relações a partir dos acontecimentos cotidianos da vida familiar. Havia um outro contexto comum entre estes autores: judeus; Spinoza (um dos mais importantes filósofos na discussão dos afetos) e Benjamin vieram de um berço abastado, já Cyrulnik, perdeu os pais em um campo de concentração; todos cercados pelo cotidiano da guerra. Há que se notar que a cultura imposta a estes autores, enquanto códigos comportamentais, são relevantes para as obras construídas, principalmente quando a preocupação demonstrada com o contexto sociocultural é premente em todas as obras. Outro ponto comum entre os autores é que trazem narrativas que perpassam pelo afeto e que poderiam ter sido uma forma de sobrevivência naqueles contextos tão duros e rígidos que a vida impunha. Não é à toa que estes autores evocam memórias e afetos que provocam os leitores, até hoje.

Como passar por todos estes eventos sem abraçar o conceito de afeto, o que é o afeto?

Afeto pode ser traduzido em Spinoza que explica como um estado da alma, uma mudança ou modificação que ocorre ao mesmo tempo no corpo e na mente, como se observa:

Tudo aquilo que acontece no objeto da ideia que constitui a mente humana deve ser percebido pela mente humana, ou seja, a ideia daquilo que acontece nesse objeto existirá necessariamente na mente; isto é, se o objeto da ideia que constitui a mente humana é um corpo, nada poderá acontecer nesse corpo que não seja percebido pela mente. (SPINOZA, 2008, p. 12).

Spinoza, aqui, retrata a subjetividade de uma forma direta quando enfatiza que a ideia que constitui a mente humana, não acessível ou observável aos olhos dos normais,

---

<sup>3</sup> Etólogo: quem estuda o comportamento social e individual dos animais em seu habitat natural e que estuda os costumes humanos como fatos sociais. Deriva de “Etologia”, ciência que estuda a biologia do comportamento. Método comparativo que integra dados genéticos, neurológicos, psicológicos, sociológicos e linguísticos. Atividade multidisciplinar que permite estudar os seres vivos (animais e humanos) uma ótica evolutiva. (CYRULNIK, 2009, p. 4-5).

transforma-se em subjetividade e possíveis inferências por parte do outro ou dos outros, e que poderiam ser determinadas como interpretação. Segundo Spinoza esta mudança, ou modificação, acontece na mente compreendida como corpo; já a expressão para o rosto, seria um reflexo da subjetividade citada por Spinoza, após a mudança ou modificação, e compartilhada por Cyrulnik, no que se refere à importância da sincronia entre pessoas e relações humanas, criando assim a subjetividade das relações, intimidade e afetividade. A subjetividade em referência não seria controlável, uma vez criada a ambiência da afetividade, seria gerada a afecção entre os corpos, o movimento, com resultados automatizados da mente. Assim exposto, uma conversa, uma narrativa, são muito importantes quando compreendidas como espaço afetivo, sincronia e movimentos dos corpos em afecção.

Na pesquisa sobre o afeto, encontramos a definição das autoras Monica Martinez e Vanessa Heidemann (2019), que citam Spinoza, que define afeto como “as afecções” que passam pelo nosso corpo. “Afeções são os estímulos sensoriais que podem transformar tanto em tristeza, raiva e ódio quanto alegria e amor”. São estímulos externos captados pela percepção do ser humano e que vai sentir a afecção automaticamente, pois de Spinoza a Cyrulnik, este último cita em sua obra, “sua visão de mundo reproduzia seu mundo íntimo” (CYRULNIK, 1995, p. 7), e que o autor ainda faz um juízo de valor e equivalência sobre construção de mundo íntimo e a reprodução deste, que é o que o mundo externo, entendido e compreendido como lido pelas outras pessoas, o autor aponta, “na verdade, se existisse efetivamente uma perversão dos tecidos, todas as mulheres seriam pervertidas” (CYRULNIK, 1995, p. 7). De uma forma sarcástica o autor indica que todas as mulheres seriam afetadas, no sentido das afecções de Spinoza, pelos tecidos.

As afecções são subjetivas à vontade controlada do ser humano, tanto quanto as transformações, estas passam pelo corpo.

E é no encontro das águas que passamos a juntar os conceitos dos autores sobre as teorias das relações humanas, afeto, afecções e afetividade; segundo Boris Cyrulnik:

Um recém-nascido organiza suas relações com os outros a partir de acontecimentos cotidianos de sua vida familiar. Os afetos são trocados quando das interações do bebê com seus próximos. A cultura, desde os primeiros gestos que cercam o nascimento, impõe um código comportamental que estrutura a criança. (CYRULNIK, 1995, p. 12).



É a partir dos estímulos sensoriais que o ser humano constrói o mundo interior e as bases das relações, afecções e afetividade. São as experiências associadas à vida e nas relações de troca de afecções com os outros, como fundamentado pelo olhar de Boris Cyrulnik:

O mundo mental de cada espécie é constituído de objetos sensoriais cujo significado biológico depende de sua organização cerebral e sensorial. Da mesma forma, o mundo mental de cada ser humano é constituído de objetos sensoriais, cujo significado depende da sua organização neurossensorial e cujo sentido varia segundo sua história pessoal. O significado não deve ser confundido com o sentido; é a transformação do sinal em signo, o qual articula som e sentido (CYRULNIK, 1995, p. 18).

E este mundo neurossensorial acontece no pensamento do ser humano, de acordo com a construção do mundo mental, traduzido como a intimidade.

É no mundo mental que se desenvolve a afetividade; são estímulos do ambiente externo que geram as afecções e as consequências inspiracionais ou de mudança comportamental no ser humano; o caminho reconhecido da via da afetividade, em movimento. Já na obra de Cyrulnik, *De Corpo e Alma - a conquista do bem-estar*, podemos encontrar uma fundamentação para os afetos e afecções, quando o autor cita as vias do afeto e as explica, “embora esses sentimentos sejam opostos na representação verbal, na anatomia das vias da felicidade e da infelicidade são vizinhas. Essas sensações se associam facilmente porque a percepção de uma provoca a necessidade da outra” (CYRULNIK, 2009, p. 47). E o autor ainda exemplifica citando uma expressão comum das pessoas: “Eu não me dava conta do quanto era feliz, diz aquele a quem acabou de acontecer uma infelicidade” (CYRULNIK, 2009, p. 47). Ratifica a importância do contexto verbal para as narrativas; já com relação à percepção e subjetividade, as explica pela anatomia cerebral e a associação por circuitos vizinhos, além da percepção do binômio, felicidade e infelicidade, como arte e tecer a intimidade do ser humano. E, para sentir a felicidade de amar, é preciso antes ter sofrido uma perda afetiva” (CYRULNIK, 2009, p. 116). É o binômio das afecções, afinal, começa na filosofia e passa pela anatomia e na mente, com sensações e movimentos das afecções.

Curiosamente, Cyrulnik faz uma observação que demonstra a importância das relações humanas, dos ambientes de conversa, contação de histórias e das narrativas,

segundo o autor, “curiosa exigência da condição humana: sem a presença do outro não podemos nos tornar a nós mesmos, como revelam na tomografia as atrofias cerebrais das crianças privadas de afeto” (CYRULNIK, 2009, p. 5). Sim, a falta de afeto, afetividade causa atrofia e Spinoza não dispunha dos equipamentos necessários para propor as teorias, tampouco Walter Benjamin, para questionar o narrador e as experiências para que aconteça a mediação provocativa dos afetos.

E por se referir à afetividade, na sequência a releitura e uma nova narrativa para o texto de Benjamin, após o ser humano ter sido afetado pelo texto original, “O Lenço” (1933). Foi criado o espaço para o movimento da afetividade via, afecções.

#### **4 O Lenço no olhar contemporâneo**

A leitura do texto de Walter Benjamin, “O Lenço”, propõe reflexões e questionamentos que não podem ser negados no pensar e os paradoxos da dualidade humana, mundo contemporâneo na realidade humana.

Acabar é diferente de morrer?

A arte de contar histórias é como um poema falado. Contar como o sol se põe, o cotidiano de uma cidade, a poesia de espaços imperceptíveis e adquire um tom especial para aquele que tem a poesia de contar histórias.

Por onde caminha essa arte? Onde está a poesia no mundo moderno?

O texto “O Lenço” de autoria de Walter Benjamin questiona onde está a arte das narrativas e este vem para comparar, talvez a sua última viagem de navio ou a última viagem de uma narrativa.

Quem não se aborrece, não sabe contar histórias. Segundo Walter Benjamin, para que nasçam as histórias tem que haver ordem, disciplina e trabalho e para Cyrulnik “a mais simples observação exige um saber ordenado numa teoria” (CYRULNIK, 1995, p. 10), culminando com o pensamento do autor quando cita que para se ter uma boa percepção é preciso uma teoria anterior que o organiza. O cotidiano retrata vários tipos de trabalho, mas que poesia traz na sua essência se a própria essência já não existe na narrativa, a própria narrativa não existe mais; não se faz mais atividades que conduzam à sabedoria? A sabedoria seria a própria fonte que organiza a narrativa, qual a sabedoria de um narrador que dá conselhos por meio das histórias. Histórias são uma forma de conselho, como o Capitão, que ao contar uma história esvaziava o cachimbo, da mesma

forma que se esvazia um problema. E com o cachimbo vazio, onde fica o poder da história e das narrativas?

E qual seria a sabedoria do lenço, senão, sacudir símbolos e significados, afetando as pessoas. Este pode ser ofertado na alegria da chegada ou em uma triste despedida. Quantos significados e sabedoria tem um lenço; poderia ser este lenço o narrador. E simplesmente, o capitão ao andar de lá para cá, sacode suas emoções e conta ao vento, a sabedoria da sua vida. Quando já não mais sacode as suas emoções, mas, balança suas emoções para quem quer ser embalado pela contação de histórias; aquele que suspende um momento da vida para ouvir uma história, ouvir todas as novidades, as atividades do navio, ouvir o tom da sabedoria.

O navio tem um cotidiano que merece ser contado, mesmo quando você se depara com vazio. Uma cadeira vazia, quem estava ausente, seria o narrador? Quem ali sentava acenava com um lenço bordado e sutilmente o deixava cair. Talvez seja possível contar uma história onde uma vida foi salva somente porque um lenço foi pego do chão, ou, uma singela despedida.

Contava o capitão, que a portadora do lenço caiu no mar e em pleno ritual de atracação e, quando ninguém mais imaginava ser possível o salvamento, com força e determinação, vence todas as barreiras e redemoinhos, salva a sabedoria e a dona do lenço. O agradecimento para o herói foi praticamente um aceno com lenço, imitando o movimento de vai e vem da vida, a continuidade; afinal o navio segue a sua jornada.

E o capitão muito sabiamente conta que agora, era ele quem acena com o lenço nas idas e vindas; um lenço bordado.

Revisitar o conto de Walter Benjamin, poderia ser uma forma de leitura proposta para que a narrativa não morra, tão pouco deixe de ser contada e recontada. Acenar um lenço, contar histórias, narrativas é só soprar ao vento, sabedoria. Qual a narrativa proposta, a arte de contar histórias não acabou, muda o narrador. A arte de contar histórias continua em outro aceno, outras mãos e outros heróis.

Ao contar novamente a narrativa, esta vem impregnada do mundo pessoal do novo narrador, seus afetos, contexto sociocultural, afecções e percepções subjetivas. O lenço bordado pode remeter à lembrança da criança que foi ao aeroporto se despedir dos pais; estes iriam morar fora do Brasil, por um período, e uma família inteira poderia acenar com os lenços brancos. É a simbologia cultural que vem impregnada de afetos e afecções.

Para outros, o que a mesma narrativa pode causar como afecção? Um abraço? Uma palavra? Aos olhos de Boris Cyrulnik “a aquisição desses diferentes apegos depende bem mais dos estilos interativos que da genética. O determinante biológico não impediu o meio de deixar sua marca e de orientar a aquisição de um estilo afetivo” (CYRULNIK, 2009, p. 11). Pode-se notar que Cyrulnik valida o contexto social e cotidiano como meio e que marca a afetividade do ser humano, não podendo ser tomada como menos importante, afinal, “subestimou-se na mesma medida a importância do meio, que deixa a sua marca na matéria cerebral e molda seu modo de perceber o mundo” (CYRULNIK, 2009, p. 12). Assim compreendido, o meio, o contexto sociocultural vai moldar o narrador e que este, ao contar ou realizar a narrativa, poderá apresentá-la de uma outra forma, outro tipo de expressão. O meio influencia e molda o ser humano, seus comportamentos, enquanto código social e afetividade.

## 5 Considerações finais

Por hora, e antes de iniciada a conclusão, faz-se importante salientar um estudo realizado por Boris Cyrulnik que traz referências importantes sobre o efeito biológico da fala, referindo-se a estudos de imagem do cérebro IRM<sup>4</sup> em 30 pacientes, que segundo Cyrulnik, “para coroar o todo, o efeito afetivo da fala, ao provocar a emoção de tristeza, de alegria, de surpresa ou de apaziguamento, também induz modificações biológicas”. (CYRULNIK, 2009, p. 87); passível de ser analisada a reação nos exames de imagens; traduzindo que as afecções, mesmo em um ambiente de laboratório, poderiam ser avaliadas como reais, ratificando o que Spinoza apresentou pela luz da filosofia e Walter Benjamin, à luz de seus ensaios filosóficos e sociológicos; estes exames são uma das facilidades das tecnologias e da modernidade. Mais um elemento que reforça a teoria e força das narrativas que provocam as afecções.

A narrativa em análise traz um fator que funciona como um elo simbólico da afetividade e das afecções que é o lenço. Para Cyrulnik, é a intimidade que cria uma ambiência de afetividade e comunicação.

Nossas filosofias íntimas constituem um fator determinante do encontro porque, para criar o campo sensorial em cujo interior poderemos nos

---

<sup>4</sup> IRM: Imagem de ressonância magnética. É o exame de imagem do cérebro, podendo ser inclusive em 3D.

expressar, é preciso que elas sejam compatíveis em ter si. (CYRULNIK, 1995, p. 26).

E a intimidade afetiva pode ser aqui representada pelo lenço no contexto da narrativa, envolvendo os corpos e mentes dos participantes e envolvidos, afetando-os, seja pela percepção da visualização do gesto, por evocação de uma memória anterior. Ser afetado é a condição inerente ao afeto.

Como mencionado no próprio texto, a simbologia afetiva pode ser lida a partir do conceito de uma memória anterior citada por Boris Cyrulnik, tanto quanto uma teoria prévia que, por meio do estímulo externo, afeta o corpo do outro, na mente do outro, movimentando os corpos, e existe uma nova organização.

Um lenço bordado traz consigo significados subjetivos e implícitos para quem não é o seu dono, porém, poderá gerar algum tipo de afeto por meio da marca representativa e simbólica de um bordado. Qual a intimidade e afetos serão evocadas por um bordado, liga-se ao contexto de vida do outro; implicitamente a troca de afetos e emoções; afinal para melhorar a comunicação o ser vivo precisa ser amplificador; poderia ser guardado como um amplificador desses afetos e comunicação. Evocar é provocar, é desencadear uma afecção, dentro de um ambiente interno de afetividade, como se observa, “[...] não é que o apelo em si desencadeia uma emoção e sim, a percepção do objeto evoca uma promessa perturbadora” (CYRULNIK, 1995, p. 25). Cyrulnik retrata a percepção subjetiva e sua importância no momento em que passa a ser o agente que desencadeia a emoção e a percepção; traduz assim, a ação da afecção quando afeta os corpos: “o imaginário, portanto, não é recortado do real, ele é alimentado por percepções reais, mas passadas, escondidas em nossa memória, e representações possíveis do que está por vir” (CYRULNIK, 1995, p. 25).

Um lenço pode representar e evocar uma emoção, enquanto simbologia afetiva e memória de uma experiência anterior; o acolhimento afetivo para enxugar uma lágrima, o acenar para uma despedida, o gesto de dar o lenço a alguém com significado de representatividade de preocupação com o acolhimento. Ambos os ambientes criados por Walter Benjamin e por Boris Cyrulnik foram abarcados na simbologia afetiva do lenço, principalmente no momento em que é “agitado”, e invade o espaço de intimidade criado entre pessoas, afetando e ao mesmo tempo e evocando a emoção que é uma das vivências da afetividade.



Quando um estímulo do presente consegue evocar uma informação do passado ou de outro lugar graças à organização do sistema nervoso, o indício torna-se possível: surge uma aptidão para a representação em um mundo mental, a representação de um mundo não-percebido a partir de elementos percebidos. (CYRULNIK, 1995, p. 27).

O lenço em Walter Benjamin ou em Boris Cyrulnik, é o elemento que representa a intimidade necessária e cria o ambiente de afetividade, e que vai evocar a emoção, afetando os narradores, seja na narrativa de 1933 ou seja na narrativa contemporânea, apresentada acima. O lenço como simbologia cultural e provável gerador das afecções, remete ao pensamento da pesquisadora Monica Martinez,

Quando registramos a história humana, tanto de um indivíduo quanto do coletivo, eternizamos o efêmero. Esse processo é importante, pois seja no campo das narrativas ficcionais ou nas não ficcionais, esquecer é morrer. Se a morte ceifa a vida física, o esquecimento mata a simbólica. (MARTINEZ, 2016, p. 108).

Somando o pensamento da pesquisadora aos conceitos ora apresentados neste artigo, existe o reforço da simbologia e da narrativa, ambos os conceitos aqui tratados; a força das narrativas através dos tempos e a simbologia, navegando no tempo desde 1930 até hoje. Quantos símbolos perduraram no tempo e quantas narrativas não são esquecidas; com certeza, um tema que poderia render vários outros artigos e um aprofundar nas teorias, gerando mais força para as narrativas através dos tempos, abarcando as mudanças socioculturais.

E por que não pensar na importância da cultura como meio e pano de fundo para as percepções do ser humano ao ouvir, ou até mesmo participar das narrativas, momento no qual a sua afetividade será provocada e as afecções irão acontecer, e vale lembrar o pensamento de um dos autores, “desde o princípio da aventura humana, a cada estágio do nosso desenvolvimento, devemos realizar transações com o nosso entorno, cada vez menos biológico e cada vez mais afetivo e cultural” (CYRULNIK, 2009, p. 12). Por meio deste pensamento, Cyrulnik retrata a importância do meio, contexto sociocultural e do ser afetivo, valorizando e realçando a importância da afetividade no mundo moderno rodeado de distrações tecnológicas, que aliás, era uma das preocupações de Walter Benjamin; um autor que, apesar de ter nos deixado em 1940, é extremamente atual em suas

preocupações, uma vez que o meio interfere no moldar as percepções humanas e estas irão influenciar as relações humanas e sociais.

Afinal, segundo Spinoza, “A mente não conhece a si mesma, senão enquanto percebe as ideias das afecções do corpo” (SPINOZA, 2019, p. 72). As narrativas propõem trocas, mediação entre as relações humanas, validando e dando significado à riqueza das experiências, enquanto é construída a percepção, ou segundo Cyrulnik:

O mundo humano foi se configurando lentamente a partir da argila das emoções: Foram precisos corpos para se desejar, sentidos para coexistir e palavras para se conquistar o tempo. Mas desde que o homem se tornou capaz de contar história, ele se tornou culpado de histórias. O passado não morre jamais para um homem que dele faz relatos, ao passo que para o leão deixa apenas alguns traços. (CYRULNIK, 1995, p. 223).

Qual narrativa afetou a você leitor que, de alguma forma, pode ter navegado por dentre dos mares da afetividade e das afecções com movimentos imperceptíveis.

A conversa, codificada com rigor, não deixa nada ao acaso. É por isso que os tímidos, os ansiosos, os agressivos, os paranoicos, os esquizofrênicos, e todos os indivíduos criou, com algumas frases, um campo de emoções em tensamente percebidas, mas não representadas, em que cada um recebe do outro demonstrações afetivas que ele experimenta, por assim dizer, nas primeiras palavras. (CYRULNIK, 1995, p. 43).

Mudam os tempos, os narradores, mas, a força da narrativa continua.

## Referências

BENJAMIN, W. **O Lenço**. 1933. Disponível em: <http://www.tyrannusmelancholicus.com.br/cronicas/3628/o-lenco>. Acesso em: 23 jun. 2021.

BENJAMIN, W. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, W. **Magia, técnica, arte, política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

CYRULNIK, B. **De Corpo e Alma, a conquista do bem-estar**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CYRULNIK, B. **Os Alimentos do Afeto**. São Paulo: Ática, 1995.

MARTINEZ, M. **Jornalismo Literário**: tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016.

MARTINEZ, M.; HEIDEMANN, V. Jornalismo Literário: afeto e vínculo em narrativas. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 3, n. 13, p.4-14, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/26055/14814>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SPINOZA, B. **Ética**. [S.I.]: LeBooks, 2019.

SPINOZA, B. **Ética Demonstrada em Ordem Geométrica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.